



— Bem-vinda a mim.
— O que é isso? Você veio que tem tanta coisa relevante a contar e, agora, não dá nada?
— Estou revivendo a minha filha. E' de morte!
— Que coisa?
— Escute aqui. Em primeiro lugar, naquella conversa que você ouviu, não sei onde, sobre a reacção que provoca no homem o choro da mulher, não está dito nada. Você sabia?

— Claro que sabia. Você, senão, pensa que a gente podia, um dialogo que se acudou em um ponto qualquer de cunido, com a pretensão de que o assunto que lhe ventila está esgotado? Nem pense tal.

— Pois é. E o caso em que sou protagonista, pelo menos, não figura na conversa que você surpreendeu.

— Protagonista?
— Nem queria saber. Você conhece a meu marido, não superficialmente. Não sabia, por exemplo, que ele agora me vem chorar.

Pense, nesta altura, o marido de você em frente de Leonor. Ela acella a foga fumagante que lhe oferece, parte com os pedacinhos destes brancos um redondo biscoito de azeitona e prosegue:

— No começo eu não tinha compreendido. Quando me- nos esperava, via armada uma briga medonha. Não sabia por que. Ele reclamava, eu me defendia. Ele ia levantando a voz, acusando com asperza. Surpreendida e magoada, não podia conter as lágrimas. Mas logo que o meu marido me via chorar, a libela exia por terra como por encanto, e o acunhado quasi de bochecho dissipa de mim. Quando descobri que ele tinha poder com as minhas lágrimas, achei, desconfiei e pensei: «Da próxima vez, não vou ligar. Deixo-o falar, senão, estalar quanto quiser». Ditto e feito. Quando fechou o tempo, eu nem lhe ligou. Ele, porém, fôz-se aproximando, amacagando. Achei, por fim que, diante daquela colera, daquella injusticia, devia dizer alguma coisa; e, com a voz clara e serena, sem lágrimas, muito firme, iniciei a minha defesa. E pensei: «Ora, você não se dáderia com as minhas lágrimas?». Mas acho que não tinha acabado de pensar, quando a mão possida do bruto me compuncta o braço e ele, desvalendo-me chamou de mentiroso. Viaram lágrimas da dor e da raiva e, em seguida, a mentiroso glim esboça a armada, os mais meiga das querências. Mas que segredo é esse? Será que você não está acreditando?

— Por que não?
— Pois é minha cara. A subjeita, para mais próximo bem, é chorar o mais depravado possível. Sim, porque não vou deixar um homem de tantas qualidades, por ter de uma dasgraciável defeito. Nesse andar, então a gente chegaria a acreditar-se por uma qualquer ninharia, o que é ridículo, re-provável, motivo de incoerencia e desajustamento. De eu já sei a que é a estratégia para acabar a tempestade e retornar a harmonia, trata de fazer logo, não é mesmo? Embora me conta, embora eu não creio. Pode agarrar-se milhices que adoram essas cenas, as choronas, etc., etc. Mas, para mim, é de morte!

PENSAMENTO

Chorar é amar.
Madame de Genlis
CADERNO DE POESIA
— CONTOCÃO
Henriqueta Lisboa

Queremos a Maria
Flores alvetece.

A igreja segurgita
Da torção enleaga
Oa igreja é um grande rio
Que se arrebou na relina
Para espantar e trino.

Queremos a Maria
Flores alvetece.

Pela nave corre um frendio:
Almoço ala para as virgins,
Os filhos da virgenzinha
Aquela que vem à frente
Tremendo salva e coroa.
Os filhos da virgenzinha
Pareço que estão tremendo;

Nossa Senhora permitia
Que a coroa fogue firme
No alto de sua cabeça.

Nossa Senhora sorrieta
Ella se gacha o maior castiço
Todo de amêndigos grandes.

Enche-se o templo de incenso.

Nossa Senhora sorrinda
Parece a gente porge.

PARA AS NOIVAS
VEM AÍ MAIO, O MES DOS CASAMENTOS — Um dia em Lisboa, afilado com bordados de vovó, a filha, fêdo aborrendo, na frota, tipica e sua, bolleis, effluências, também no tocan-do. (Craco da modista Neta, lina Barreto, especialmente para esta seção).



servença estatal, vai nos le-
C, IAA, IP, IC, IAPM, IAE,
que outras siglas da funesta
maior será o empobrecimento
a voracidade burocrática, o
abalho construtivo, em geral
stárias.

a novo conselho, cada nova
emprego, mais uma bomba
do organismo de nossa eco-
no, ai de nós! — mais uma
erência desleal e descredito

campadas pelo governo tive-
funcionalismo aumentado.

portes. E todas as empresas
anos confiscadas durante a
o acervo do grupo Lage, e
E com a Fábrica Nacional
de Avião da Lagoa Santa, e
do Mate, do Cacau, do Sal e

particular dava lucro, passou
nacionalizado. E o que começou
do capítulo das perdas para

aparentes. Porque os lucros
riais e não comerciais, não
de produção no "prix de res-
os, os privilégios fiscais, as
idades e facilidades de todo
a fortuna de qualquer me-

as experiências, frustras? A
ador. Mas se a experiência
é a numerosas legiões do
passam para a tabela de
rmas mães Dolores.
particular aparece mais cas-
tificação dos preços e pelo in-
poder planificar os custo
acha a constantes alte-
(continua na 15ª página)

ador por aí que se diz chama-
do do dia, cujo nome, por razões,
de Oliveira Braga, Oficial Pro-
cidade, e não é médico; o ex-
nacional.
que faz política tem políti-
cal não se recomenda. Co-
nome,
e
em, em que parece, foi
est bulcão o caso do
nacionalismo. E o velho
re-chado da opinião
coronel consagrar
os e por os ver-
na vermelha
mação é acorda.

te é conhecido
ticos. Apolita-
este bale, oute-
Quando se
cho-os de
seguença?
grá-fico!



atiladinhos não, me parece mais
que signifique aratiladinhos.
Pelo menos, foi o que con-
clui de uma agradável palestra
que ontem manteve comita o
Theodoriano Holanda Carval-
canti.

— «Foi o caso, Frei Cognac
— contou-me o simpático, pe-
lige murcheio — que, no de-
sempenho de minhas funções
de orientador e líder político
sindical, compareci recentemen-
te à memorável Assembleia Ge-
ral em que os portuários con-
cestraram vitoriosamente a sua
greve. Os oradores eram li-
dos Cada qual o mais eloquen-
te. Mas o que mais me impres-
sionou, Frei Cognac, foi o dis-
curso do conferente Miranda,
representante do Chefe do Trá-
fego. Que orador, senhor fra-
de, que orador!»

— «Retórico, gongórico ou
pletórico, filho?»

— Pletórico, Frei Cognac.
Calcule o senhor que o confe-
rente Miranda terminou a sua
discurso antes termino:

— «Fois é, meus senhores.
Não todos devemos estar mal-
to gratos depois de tão elogia-
mos. d'escuros que aqui ouvi-
mos: depois da oração forma-
za do Chefe de Polícia; das
palavras tão menos belas do
General Mendes de Moraes; do
discurso do venerável Levy Ne-
ves; e das catilinares do Depu-
tado Gurgel do Amaral».

Ouvindo aquele aratiladri-
nho, tão estridente, o Gurgel,
na mesa, desmaiou...

FREI COGNAC

Limpeza: mito
PARECE certo que a Rio
de Janeiro vai conhecer
em período de inundação
generalizada, nas vias públicas,
em todos os bairros. O Sr. Ryl-
vis Perdigão, diretor de Limpe-
za Urbana, sentiu-se resaca-
do, não fazer nada pela higie-
na da cidade. Até hoje o tati-
ca não vin suas promessas se
transformar realidade: antes en-
tão a cidade mais volta do que
antes. Os bairros de zona por-
ta estão na mais completa
abandona, sobretudo Andaraí,
Vila Isabel e Alameda Copacabana.
Deposito de lixo à vista, e os
canais na mais completa polui-
ção. O Rio Joana, por exemplo, su-
frecho em frente à Fina de Ri-
meida, na rua Maxwell, com os
terrenos baldios, é o próprio
reino da imundície. Ninguém
vê nada, nem o Sr. Sylvio Per-
digão, que costula nas patas e
e recebe o bom salário da ca-
misação que exerce apenas no
papel. É um mito a limpeza
de Rio.



— O Segadas Viana foi
muito bem recebido pelos
operários paulistas em
Volta Redonda.